

distante. Tenho confiança plena no êxito dessas orações e bastará uma só vez para que a paz volte a feliçitar a tua casa e o teu coração.

Alba Lucínia sentia-se confortada com as promessas da amiga, considerando-lhe a fé profunda e contagiosa, na grata perspectiva da felicidade doméstica e acrescentou:

— Vou pensar e depois combinaremos. Mas, se necessitares de uma companhia, é a mim que compete acompanhar-te.

Separaram-se, então, com um beijo afetuoso, enquanto o vulto esguio de Hatéria afastava-se lésto de uma ampla cortina oriental, depois de ouvir a singular entrevista.

Dentro de uma sociedade como aquela, onde todas as classes, desde os primórdios, em virtude das influências etruscas, recorriam ao invisível e ao sobrenatural, nas mais diversas contingências da vida, Alba Lucínia passou a meditar na preciosa oportunidade sugerida pela amiga da infância. Embora encontrasse confôrto na expectativa do empreendimento, passou o resto do dia entre a indecisão e o sofrimento moral.

Teve ímpetos de ir a Tibur para arrancar o espôso de todas as perigosas situações em que se encontrava, mas o raciocínio preponderou em todas as suas inquietações angustiosas.

A noite, enquanto todos dormiam, dirigiu-se ao santuário doméstico e, prosternando-se junto ao altar de Juno suplicou á deusa, entre lágrimas, que lhe amparasse o espírito nos caminhos ásperos do dever e da virtude.

#### IV

### NA VIA NOMENTANA

Uma semana depois do que vimos de descrever, vamos encontrar Cláudia Sabina, á noite, no terraço de sua casa, em Roma, palestrando com Hatéria na mais franca intimidade.

— Então, Hatéria — dizia á surdina, depois de uma longa exposição da cumplice — meu espôso, assim, parece querer facilitar a realização de meus projetos. Nunca o supús capaz de apaixonar-se por alguém, fóra do ambiente de suas armas.

— Entretanto, senhora, em cada gesto seu, em cada palavra, inferem-se perfeitamente os sentimentos que lhe vão nalma.

— Está bem — exclamou a antiga plebeia como se o assunto a enfadasse — meu marido não é o homem que me interessa. Tuas notícias de hoje significam que o acaso tambem coopera a meu favor.

— Além de tudo, lembrou Hatéria acentuando o carater secreto daquelas revelações — Lucínia e Túllia combinaram solicitar uma benção na reunião cristã, afim-de que Helvídio Lucius volte imediatamente de Tibur, a reintegrar-se na harmonia doméstica.

Cláudia deixou escapar um riso nervoso, mas interrogou com avidez:

— Sim? E como o soubeste?...

— Ha uma semana elas trocaram confidências e ontem, á noite, assentaram o plano, embora a patrôa se encontre bastante abatida, acreditando eu que venham a realizá-lo nestes quatro dias.

— Convém estares vigilante para acompanhá-las sem que o percebam, de modo a prosseguires a par dos acontecimentos.

E esboçando um gesto de curiosidade, sentenciou:

— Essas senhoras desconhecerão, porventura, os éditos imperiais que visam a eliminação do cristianismo? Que descaso das leis!... Enfim, contribuiremos tambem, de algum modo, para que as autoridades fixem esse novo fóco doutrinário. Depois dos teus informes, falarei com Quinto Bibulo a respeito.

Hatéria e Cláudia palestraram ainda algum tempo, examinando os detalhes de suas intenções criminosas e assentando os seus projetos nefandos para o caso.

Pela manhã do dia imediato, uma liteira modesta,

saía do palácio do prefeito, conduzindo alguém que se ausentava de casa com a máxima discreção.

Era Cláudia Sabina, que, em trajes muito simples, mandava seguir para a Suburra.

Após exhaustivo trajéto, mandou que os escravos de confiança a esperassem em local convencionado e internou-se, sózinha, por vielas ermas e pobres.

Atingindo um quarteirão de caas humildes e pequeninas, parou subitamente como se desejasse certificar-se do local, fixou á pequena distância uma casa esverdeada, de feição característica, que a diferenciava de todas.

A espósa de Lóllio Urbico esboçou um sorriso de satisfação e, estugando o passo, bateu á porta com visível interesse.

Daí a momentos, uma mulher velhíssima e de má catadura, cabelos desgrenhados e largos vincos a lhe enrugarem o rosto, veiu atendê-la com expressão de curiosidade nos olhos empapuçados e pequeninos.

Observando a visitante, que ostentava uma toga simples, mas rica, além da rede dourada a prender-lhe a cabeleira graciosa e abundante, a velha sorriu satisfeita, farejando a boa situação financeira da cliente que lhe buscava os serviços.

— É aquí — perguntou Cláudia com mal disfarçada modestia — que reside Plotina, antiga pitonisa de Cumas?

— Sim, senhora, sou eu mesma, para vos servir. Entrai. Minha choupana honra-se com a vossa visita.

A espósa do prefeito sentiu-se bem com a recepção bajuladora e fingida.

— Necessitando de sua cooperação, disse a visitante penetrando o interior com desembaraço — vim procurá-la, em vista da recomendação de uma das minhas amigas de Tibur.

— Muito grata, minha senhora, espero corresponder á vossa confiança.

— Disseram-me que não precisaria expôr o objeto de minha consulta. Será, de fato, assim?...

— Perfeitamente — esclareceu Plotina com a sua

voz enigmática — meus poderes ocultos dispensam qualquer explicação da vossa parte.

Sentando-se num velho divã, Sabina notou que a feiticeira buscara uma trípode e colocara junto da mesma numerosos amuletos, nos quais se esbatia a mortiça claridade de pequena tocha, acesa para atender às necessidades do momento. Em seguida, depois de uma atitude contemplativa e descansada, Plotina deixou pendurar a cabeça entre as mãos, ostentando uma palidez cadavérica, como se a sua vidência misteriosa estivesse a devassar as mais sinistras miragens nos planos invisíveis.

Cláudia Sabina seguia-lhe os mínimos movimentos com singular interesse, entre o temor e a surpresa do desconhecido, mas, dentro em pouco a fisionomia da intermediária entre o mundo e as forças do plano invisível normalizavam-se, atenuando-se-lhe as contrações nervosas do rosto e extinguindo-se as expressões de profundo cansaço, que lhe escapavam dos lábios entumecidos.

De semblante sereno e curioso, como se a alma houvera regressado de misteriosas paragens com as mais vastas revelações, tomou as mãos aristocráticas de Cláudia, exclamando em tom discreto:

— Disseram-me as vozes que amais a um homem, preso á outra mulher pelos laços mais santos desta vida. Por que não evitar a tempo uma tempestade de amarguras que recairá, mais tarde, sobre o vosso proprio destino? Viestes até aquí em busca de um conselho que vos oriente as pretensões, mas seria melhor abandonardes todos os projetos que tendes em mente!...

Cláudia Sabina ouvia-a, assustada, mas obtemperou com veemência:

— Plotina, conheço a elevação da tua ciência e venho recorrer aos teus conhecimentos com uma confiança absoluta! Se a tua visão pode devassar o passado, procura fixar no presente a unica preocupação da minha vida... Ajuda-me! Recompensarei régiamente os teus serviços!

A consulente abriu a bolsa referta, deixando cair

grande porção de moedas na trípode, como se despejasse ali uma catadupa de sestérios, enquanto a velha bruxa arregalava os olhos, na cupidez e na ambição dos seus baixos sentimentos.

— Senhora — disse ela desejosa de alcançar os proventos de tão grandes recursos financeiros — já vos dei o primeiro conselho, que é o da sabedoria que me assiste; mas eu também sou humana e quero corresponder á vossa generosidade. Conheço os projetos que vos animam e procurarei auxiliar-vos, afim de que possais levá-los a bom termo!... Cumpre-me, porém, esclarecer que a vossa rival está assistida por uma figura anjélica, embora eu não possa saber se essa criatura vive na Terra ou no Céu. No meu poder oculto, vi a mulher que odiais nimbada pela aura intensa de um anjo, junto dela.

E, como se estivesse travando um duélo de consciência, em face da invejável situação financeira da consulente, acrescentou:

— Precisamos muito cuidado, senhora... Essa criatura celeste pode defender a vossa rival de todos os sofrimentos estranhos ao seu destino...

— Mas, como pode ser isso?! — perguntou Cláudia Sabina profundamente impressionada.

— Vossa rival não tem filhos e, entre eles, não existirá algum de coração puro e piedoso?

— Sim — exclamou a interpelada algo contrafeita — embora não saiba se alguma de suas filhas se encontra em tais condições. Entretanto, não venho aqui para cuidar dêsse assunto e sim do meu proprio interesse passional. Por que me falas, pois, dessa defesa anjélica que eu não posso compreender?

— Senhora, hei de ajudar-vos com todas as minhas fôrças, pois tenho necessidade de dinheiro para atender a necessidades numerosas e prementes, mas, devo afiançar-vos que correremos o risco de perder nosso esfôrço, porque um anjo de Deus pode aparar os golpes do mal, visto não existir o sofrimento qual o entendemos, para os seus corações purificados. Enquanto a inquietação e a dor podem arrastar as almas vulgares ao torvelinho

das paixões e padecimentos do mundo, o espírito que se redimiu, realizou em si a edificação da fé, que o liga a Deus Todo-Poderoso. Para esses corações imaculados, senhora, a Terra não pode engendrar o tormento ou o desespéro!

Cláudia escutava-lhe as ponderações, eminentemente impressionada, mas, observou com o seu espírito expedito:

— Plotina, eu prefiro não acreditar nessa defesa, aceitando a cooperação dos teus poderes ocultos, plenamente confiada no êxito de minhas pretensões. Não me faças andar contigo em digressões filosóficas, pois quero viver a minha propria realidade. Dizei-me! Que sugeres a favor da minha felicidade?

— Em face de vossa decisão, temos de recorrer aos fatos mais concretos.

— Acreditas que deva cogitar da eliminação da mulher que odeio?

— Na vossa situação e em vosso caso, não devereis pensar no aniquilamento do seu corpo, mas na flagelação da alma, considerando que a única morte que se deve aplicar a um inimigo é a que se impõe á uma criatura fóra do sepulcro e em plena vida.

— Tens razão — murmurou Sabina interessada. Teus argumentos são mais inteligentes e mais práticos. Quais os teus conselhos a meu favor?

Plotina fez uma longa pausa, como se fôra formular nova consulta íntima, ante a luz da tocha pequenina e bruxoleante, acrescentando em seguida:

— Senhora, já tivestes o poder de transportar provisoriamente para Tibur o homem amado... Devo informar-vos que o Imperador Elio Adriano, antes de retirar-se para os seus palácios em construção, na cidade aludida, onde deverá aguardar o fim da existência, ha de fazer uma última viagem pelas províncias, obedecendo á sua conhecida vocação... Sereis compelida a acompanhar-lhe o sequito, entrevendo-se aí a oportunidade de seguir, igualmente o homem da vossa dileção.

— Sim? — perguntou Cláudia visivelmente satisfeita. — E que me aconselhas?

Plotina inclinou-se, então, colando os lábios rente aos seus ouvidos, sugerindo-lhe um plano terrível e criminoso, que a consultante acolheu com um sorriso significativo.

Palestraram ainda, largo tempo, como se as suas mentes se casassem com absoluta sintonia de princípios, dentro das mesmas intenções e fins, notando-se que, ao despedir-se, Cláudia averbou as necessidades da sua nova cúmplice, prometendo-lhe providências confortadoras, depois de lhe entregar todo o dinheiro que trazia.

Daí a algumas horas, a mesma liteira modesta regressara ao palácio de Lóllio Urbico, pela porta dos fundos.

Dois dias depois, vamos encontrar em casa de Helvídio Lucius, Alba Lucínia e sua amiga fiél, em conversação discreta no apartamento mais recondito da casa.

Túllia Cevina apresentava as melhores disposições físicas, apesar da preocupação que lhe vagava nos olhos, não acontecendo o mesmo á espôsa de Helvídio que, reclinada no leito, dava mostras do mais fundo abatimento.

— Lucínia, minha querida — exclamou Túllia afetuosa — já estou avisada de que a reunião se efetuará esta noite. Estou á tua disposição para irmos sem receio. Poderemos saír ás primeiras horas da tarde.

— Impossível — replicou a pobre senhora, visivelmente enferma e acentuando as palavras com dolorosa melancolia — sinto-me profundamente cançada e abatida!... Entretanto, decidi no coração que recorrerei a essas preces!... Necessito de algo sobrenatural que me devolva a paz do espírito. É impossível prosseguir nesta angústia moral que me inutiliza todas as fôrças...

Lágrimas amargas lhe cortaram a palavra entriscada.

— Irei de qualquer modo, — disse Túllia, abraçando-a — tenho fé em que o novo deus nos valerá na situação de penosa incerteza em que te encontras!... 6

Observando-lhe a dedicação meiga e constante, Alba Lucínia advertiu.

— Querida, não me conformaria em saber que foste só. Pedirei a Célia que te acompanhe.

Túllia esboçou um sorriso de satisfação, enquanto a amiga ordenou á uma jóven escrava fôsse chamar a filha.

Daí a instante, surgia a donzela com o seu perfil gracioso.

— Célia — disse-lhe a progenitora, sensibilizada e melancólica — poderás ir hoje á noite, em companhia de Túllia á uma reunião cristã, afim-de fazeres uma prece pela tranquilidade de tua mãe?...

A moça teve um gesto de surpresa, mas, amplo sorriso de satisfação lhe aflorou aos lábios.

— Que não faria por ti, maezinha? E beijou-a. Alba Lucínia sentiu o conforto imenso daquela ternura, acrescentando:

— Filhinha, sinto-me cansada, doente e deliberei recorrer a Jesus de Nazaré, com as tuas orações. Sabes, porem, da necessidade de não nos externarmos com pessoa alguma a esse respeito, comprehendes?

A jóven fez um gesto expressivo, como quem se recordava das proprias mágoas, exclamando:

— Sim, minha mãe. Fica tranquila. Irei com Túllia, seja onde fôr, de modo a fazer as preces necessárias! Rogarei a Jesus que te faça ditosa e espero que a sua infinita bondade derramará em teu coração o bálsamo suave do seu amor, que nos enche de vida e de alegria. Então, verás como energias novas hão de felicitar o teu íntimo...

Túllia Cevina ouvia, muito interessada, aqueles conceitos, admirando os conhecimentos da jóven, o que Lucínia logo esclareceu, abraçando a filha ternamente:

— Célia conheceu mais intimamente, na Judéia, os assuntos atinentes ao Cristianismo. Minha filhinha, apesar de muito nova, tem sofrido bastante...

Célia, no entanto, percebendo que a palavra materna entraria em pormenores do seu doloroso romance de amor, exclamou com ternura:

— Ora, mæzinha, que poderia eu sofrer se tenho sempre o teu afeto comigo?

E cortando o assunto relativo ao seu caso pessoal, obtemperou:

— A que horas deveremos saír?

— À tarde — exclamou Túllia — porquanto a caminhada não será pequena; a reunião é além da Porta Nomentana.

— Estarei preparada a tempo.

As três combinaram, então, todas as providências que lhes pareceram indispensáveis e, ao caír da noite, envoltas em togas muito simples, Túllia e Célia tomaram um liteira, que lhes evitou o cansaco em grande parte do caminho, através dos pontos mais frequentados da cidade.

Descendo junto á Porta Viminal e dispensando os carregadores, empreenderam a caminhada corajosamente.

A noite desdobrava o seu leque de sombras ao longo da planicie. Fazia frio, mas as duas amigas agasalharam-se nas capas de lã que levavam, ocultando a cabeça na peça grossa e escura.

Era noite fechada quando atingiram as ruinas da antiga muralha que fortificara a região em outros tempos, mas avançavam sem desanimo, através das estradas extensas.

Franqueada a Porta Nomentana, viram-se á frente das colinas proximas, ao longo das quais alinhavam-se cemitérios desertos e tristes, onde o luar se derramava em tons pálidos.

À medida que se iam aproximando do local das pregações, observavam um número cada vez maior de vian-dantes, que se aventuravam pelas mesmas trilhas com identicos fins. Eram vultos embuçados em longas túnicas escuras, que passavam de flanco, a passo apressado ou vagaroso, uns silenciosos, outros mantendo diálogos quasi imperceptíveis. Muitos empunhavam lanternas pequenas, auxiliando a visão dos companheiros, onde a claridade fraca do astro noturno não conseguia espancar as sombras espessas.

As duas patrícias, vestidas com simplicidade extrema e envergando os pesados mantos, não podiam ser identificadas na sua posição social, pelos companheiros que se dirigiam ao mesmo destino, os quais as consideravam cristãs como êles próprios, agermanados na fé e no mesmo idealismo.

Defrontando os muros lodosos que circundavam grandes monumentos em ruínas, Túllia certificou-se do local que dava acesso ao recinto, fazendo um sinal da cruz característico a dois cristãos que, nos pórticos, recebiam a senha de todos os prosélitos, senha que se constituía desse mesmo sinal traçado com a mão aberta, de modo especialíssimo, mas de imitação muito fácil. Ambas passaram, então, ao interior da necrópole, sem pormenores dignos de menção.

No interior, toda uma multidão se acomodava em bancos improvisados, salientando-se que, de um modo geral, todos traziam os capuzes levantados, ocultando o rosto, alguns receando o frio intenso da noite, outros temendo os lobos da traição, que ali poderiam comparecer com a máscara de ovelhas.

A claridade lunar que banhava o recinto era auxiliada pela luz de tocheiros e lanternas, mórmemente em torno de um monte de ruínas fúnebres, de onde deveria falar o apóstolo daquele grupo de seguidores do Cristo.

Aquí e alí, alguém balbuciava uma prece, baixinho, como se estivesse falando ao Cordeiro do Céu, no altar do coração; mas, do centro da massa, elevavam-se hinos cheios de sublimada exaltação religiosa. Eram canticos de esperança, tocados de um singular desalento do mundo, exteriorizando o sonho cristão de um reino maravilhoso além das nuvens. Em cada verso e em cada tonalidade das vozes em conjunto, predominavam as notas de uma tristeza dolorosa, de quem havia abandonado todas as ilusões e fantasias terrestres, entregando-se á renúncia de todos os prazeres, de todos os bens da vida, para esperar as recompensas luminosas de Jesus, nas bem-aventuranças celestes...

Nos bancos improvisados, de madeira tosca ou de

pedras esquecidas, acomodavam-se centenas de pessoas, concentradas em absoluto recolhimento.

Silêncio profundo reinava entre todos, quando um estrado carcomido foi transportado para o local onde se centralizavam quasi todas as luzes.

Célia e Túllia tomaram o lugar que lhes pareceu mais conveniente, mas, daí a minutos novo cântico se elevava ao Infinito, em vibrações de beleza indefinivel... Era o hino de agradecimento ao Senhor pela sua misericórdia inexgotável; cada estrófe falava dos exemplos e martírios de Jesus, com sentimento repassado da mais alta inspiração.

Qual não foi a admiração de Túllia Cevina, quando viu a companheira erguer tambem a voz, acompanhando o canto dos cristãos como se o soubera de cór, na sua garganta cristaliana. A mulher de Máximo Cuntactor não sabia dissimular a emoção, contemplando Célia a cantar, qual se fôsse uma ave exilada do paraíso!... Seus olhos calmos estavam fixos no firmamento, onde parecia divisar o país da sua bem-aventurança, entre as estrélas que lucilavam no alto, como sorrisos carinhosos da noite, e aqueles versos inspirados na música que lhes era peculiar, escapavam-se dos seus lábios com tal riqueza melódica, que a amiga se comoveu até às lagrimas, sentindo-se transportada a uma região divina...

Sim, Célia conhecia aquele cântico que lhe enchia o coração de brandas reminiscencias. Ciro lho havia ensinado sob as árvoreas frondosas da Palestina, para que a sua alma soubesse interpretar o reconhecimento a Deus, nas horas de alegria. Naquele instante, em comunhão com todos aqueles espíritos que vibravam tambem a sua fé, ela sentia-se distante da Terra, como se a alma fôsse tocada de um júbilo divino...

Fazendo-se silêncio novamente, um homem do povo de nome Sérgio Hostílio, assomou á tribuna improvisada, exclamando comovido, após abrir um rôlo de pergaminhos:

— Meus irmãos, estudaremos ainda hoje os ensinamentos do Mestre, nos capítulos de Mateus, versando a lição desta noite: "aqueles que são os verdadeiros ir-

mãos do Messias!..."  
E desenrolando a folha que o tempo desbotara,  
Sérgio Hostílio leu pausadamente:

"Estando Jesus a pregar ainda para a multidão, sua mãe e seus irmãos de fé, do lado de fóra, procuravam falar-lhe. Então alguém lhe observou: — "tua mãe e teus irmãos encontram-se aí fóra, procurando-te". Respondendo a quem o advertira, disse o Mestre: — "Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?" E, estendendo a mão para todos os seus discípulos e seguidores, exclamou: — "Eis aqui minha mãe e meus irmãos, porquanto, quem quer que faça a vontade de meu Pai que está nos céus, êsse é meu irmão, minha irmã e minha mãe".

Terminada a leitura evangélica, o mesmo companheiro de crença que ocupava a tribuna, concitou sensibilizado:

— Meus amigos, falta-me o dom da eloquencia para ministrar o ensinamento; convido, pois, a algum dos nossos irmãos presentes para que desenvolva os precisos comentários desta noite...

Todos os olhares se alongaram, ansiosos, buscando a veneravel figura de Policarpo, o apóstolo abnegado de todas as reuniões, inclusive Túllia Cevina, que verificava a sua ausencia com grande desapontamento, em vista da fé nas suas orações e nas suas palavras sábias e benevolentes; mas Sérgio Hostílio explicou com a voz tocada de amargura:

— Irmãos, vossos olhos procuram Policarpo, ansiosamente, mas, antes de vos fornecer notícias dele, elevemos o coração até Aquele que não desdenhou o ultraje e o sacrifício...

O apóstolo da nossa fé, apesar da sua velhice santiificada, por ordem do Sub-Prefeito Quinto Bibulo, foi recolhido na manhã de ontem aos cárceres do Esquilino!

Imploremos a misericórdia de Jesus para que possamos aceitar o cálice de nossas dores, com resignação e humildade.

Muitas mulheres começaram a chorar a ausência daquele grande varão, a quem amavam como pai e, depois de alguns minutos, em que ninguém se abalançou a substituir-lhe o ensinamento sábio e amoroso, um homem da plebe caminhou até á tribuna e descobriu-se, fazendo o sinal da cruz, tomado de fervorosa religiosidade.

A claridade das tochas iluminou-lhe os traços fisionómicos, ao mesmo tempo que Célia e a companheira lhe identificaram o semblante humilde e decidido.

Aquele homem era Nestório, o liberto de Helvídio, que, embora auxiliando o censor Fábio Cornélio no próprio gabinete da prefeitura dos pretorianos, não se vergonhava de dar o público testemunho da sua fé.

## V

### A PRÉGAÇÃO DO EVANGELHO

Saudado pelo olhar ansioso e confiante de todos, Nestorio começou a falar, com a sua sinceridade como-vida:

— Irmãos, sinto que a minha indigencia espiritual não pode substituir o coração de Policarpo nesta tribuna, mas o fogo sagrado da fé precisa manter-se nas almas!

Assumindo a responsabilidade da palavra, esta noite, recordo a minha infancia para vos dizer que vi João, o apóstolo do Senhor, que, por longos anos, iluminou a igreja de Éfeso !

O grande evangelista, nos seus arroubos de fé, falava-nos do céu e de suas visões consoladoras... Seu coração estava em permanente contacto com o do Mestre, de quem recebia a inspiração divina, como o derradeiro discípulo na Terra, santificando-se as suas lições e as suas palavras com o sôpro sublimado das verdades celestes!...

Invoco estas reminiscencias longínquas, para recordar que o Senhor é a misericórdia infinita. Na minha